



ISSN: 2595-5713

Vol. 07 | N°. 13 | Ano 2024

**AGOSTINHO MOLESSE**

Site/Contato

Editores

Ivaldo Marciano  
[ivaldomarciano@gmail.com](mailto:ivaldomarciano@gmail.com)

Alexandre António Timbane  
[alexandre.timbane@unilab.edu.br](mailto:alexandre.timbane@unilab.edu.br)

# MWEEMBE E A ORIGEM DOS YAAWO DO NORTE DE MOÇAMBIQUE

MWEEMBE AND THE ORIGIN OF THE YAAWO PEOPLE IN THE NORTH OF MOZAMBIQUE

---

**RESUMO:** O presente artigo conceitua a terminologia Ayaawo e analisa a origem do povo Yaawo de Mweembe, norte de Moçambique. O trabalho privilegiou a análise bibliográfica e as narrativas documentais de alguns autores que realizaram estudos sobre a origem dos Yaawo do Norte de Moçambique. A metodologia, essencialmente qualitativa, ocupou um lugar de destaque na pesquisa, na medida em que ela permitiu compreender melhor as dinâmicas sociais do povo Yaawo. A terminologia Ayaawo sofreu várias designações. Ela refere qualquer espaço geográfico físico que não tenha árvores frondosas, em que predominem arbustos e capim. Existem duas hipóteses da origem do povo yaawo. Uma que defende a origem do povo na região Ayaawo (Mweembe), a outra, e a mais aceite por vários autores, defende a origem dos Yaawo na região dos Grandes Lagos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Norte de Moçambique; Mweembe; Yaawo; origem.

---

**ABSTRACT:** This article conceptualises the terminology Ayaawo and analyses the origins of the Yaawo people of Mweembe, northern Mozambique. The work favoured bibliographical analysis and the documentary narratives of some authors who have carried out studies on the origins of the Yaawo of northern Mozambique. The methodology, which is essentially qualitative, occupied a prominent place in the research, insofar as it allowed us to better understand the social dynamics of the Yaawo people. The terminology Ayaawo has undergone various designations. It refers to any physical geographical space that doesn't have leafy trees, where shrubs and grass predominate. There are two hypotheses about the origin of the Yaawo people. One favours the origin of the people in the Ayaawo region (Mweembe), the other, and the one most accepted by several authors, favours the origin of the Yaawo in the Great Lakes region.

**KEY WORDS:** Northern Mozambique; Mweembe; Yaawo; origin.

## MWEEMBE E A ORIGEM DOS YAAWO DO NORTE DE MOÇAMBIQUE

Agostinho Molesse <sup>1</sup>

### Introdução

Embora haja abundância de documentos portugueses e de outros pesquisadores, a partir dos finais do século XVII e princípio do século XVIII e de algumas descrições gerais, a origem do povo Ayaawo do Norte de Moçambique, ainda que, não seja muito remota, devido à carência total de anotação que se enquadre na mesma época, é muito imperfeitamente conhecida. A sua teoria baseia-se em dados bem frágeis, em hipóteses e deduções sobre indícios muito controversos. Segundo MITCHELL (1956, p. 22) “uma das primeiras referências sobre os Ajauas foi feita por Dr. Francisco José de Lacerda, numa carta datada de 22 de março de 1798 e dirigida ao Ministro de Estado de Portugal”. Por sua vez, Alpers (1975, p. 76) relata que “o nome Yao foi referenciado pela primeira vez num relato francês sobre o norte de Moçambique. Os Yao vendiam, regularmente, marfim, na zona em frente à ilha de Moçambique”. Amaral (1990, p. 45) diz que “as primeiras referências escritas sobre os povos Ajaua apareceram nos relatórios de comerciantes portugueses fixados na ilha de Moçambique e na ilha do Ibo, de uma forma genérica, a partir do século XVII e, regularmente, durante o século XVIII”. Segundo LIESEGANG (s/d, p. 1) “até o século XVI, período da fixação dos portugueses na costa de Moçambique, o nome de Yao ainda não era conhecido, mas o grupo linguístico Yao já devia existir com este ou outro nome”. No que diz respeito à História do povo Yaawo, as narrativas documentais de ABDALLAH (1919) e Ce-MIUTE V-Amado Saïde (2019), constituem as primeiras exceções importantes.

### Terminologia de Yaawo.

LIMA apud SANTOS (1964, p. 123) indica uma variedade sinonímia para os “Ajaos, Jauas, Ajaus, Mojaus, Jaus, Vaiáos”, inclinando-se, porém, para a grafia M'xaua. No entanto, ainda escreveram das seguintes maneiras: 'Ago, Agawa, Aclawa, Adjáo, Mgau, Zaus, Mudau, Mujao, Mujarros, Wahião, Walgao, Walijão, Yao, Veias, etc'. O povo Wayao também foi chamado por vários termos: Yao, Ayo, Veiao, Hiao, Wahiao, Wahaiiao, Wahyao, Ayawa, Myao,

---

<sup>1</sup> Docente de História de Moçambique na Universidade Rovuma-Extensão do Niassa. Doutorando em História Contemporânea da África pela Universidade Pedagógica de Maputo. Mestre em História da Educação: currículo em Moçambique pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Licenciado em História e Geografia pela

Achawa, Wajao, Adjao, Mujao, Mujanos, Adsawa, Adsoa, Mudsao (PEIRONE, 1967, p. 16). ABDALLAH (1919, p. 4) diz que a palavra “Yao refere o monte sem árvore, que tem só capim. As pessoas que nasceram ou habitam em redor do monte yao são chamadas Wayao, ou seja, gente da terra yao”. Mas, gente de Mweembe explica que “Yao não refere monte sem árvores, que tem só capim. Não existe monte com a designação yao. Yao é um espaço em que predominam capim e arbustos, pode ser uma zona planáltica ou não” (Ce-Miute VI, Ce-Ntaamila IV, Mateus Aly Buanar e Ajaba Aly).<sup>2</sup>

Na mesma sentença de raciocínio, a narrativa documental de Ce-MIUTE V-AMADO SAIDE (2019, p.7)<sup>3</sup>, explica que o nome “Yaawo não refere uma montanha, um rio, uma floresta ou uma escrava. É qualquer espaço geográfico físico que não tenha árvores frondosas, predominam arbustos e capim”. O nome Yaawo é originário do árabe, Aiawi, que significa *lançar semente*.<sup>4</sup> Mais ainda, Ce-MIUTE V (2019, p. 7), refere que devido à heterogeneidade populacional, o nome foi sendo adulterado, passando a ter as seguintes variantes: “Aiao, Aiyawo, Iyawo, Yaeo Ayawo”. Durante o período da pesquisa de campo nos postos administrativos de Chiconono e Ligogolo, no distrito de Mweembe, constatamos que eram espaços geográficos quase planos, sem árvores frondosas, predominantes de arbustos e capim. Isso, não porque no passado mais remoto o homem teria praticado a agricultura, mas, sim, porque é um aspecto natural.

Os estudos atuais, visando à padronização das Línguas Moçambicanas, optam por outra forma de ortografia. Assim, os topônimos e antropônimos utilizados neste artigo foram escritos conforme a ortografia contida nos Relatórios de Padronização das Línguas Moçambicanas, produzido por Núcleo de Línguas Moçambicanas da Universidade Eduardo Mondlane (NGUNG, 2002, p.20). Baseando-se na ortografia decidida sobre os topônimos e antropônimos, os designados Wayao, passam a chamar-se Yaawo, isto é, o povo Yaawo, e não Wayao, Ajaua, Yao, etc. E quando se refere ao território dos Yaawo, é chamado Kuyaawo. Assim, ao longo da pesquisa usamos o termo Yaawo, para dizer o povo, Ayaawo para dizer pessoas pertencentes ao povo Yaawo, ou Kuyaawo sempre que desejar mencionar o território.

## Origem dos Yaawo

---

Universidade Pedagógica de Maputo. Bacharel em História e Geografia pela Universidade Pedagógica de Maputo. [agomolesse@yahoo.com.br](mailto:agomolesse@yahoo.com.br)

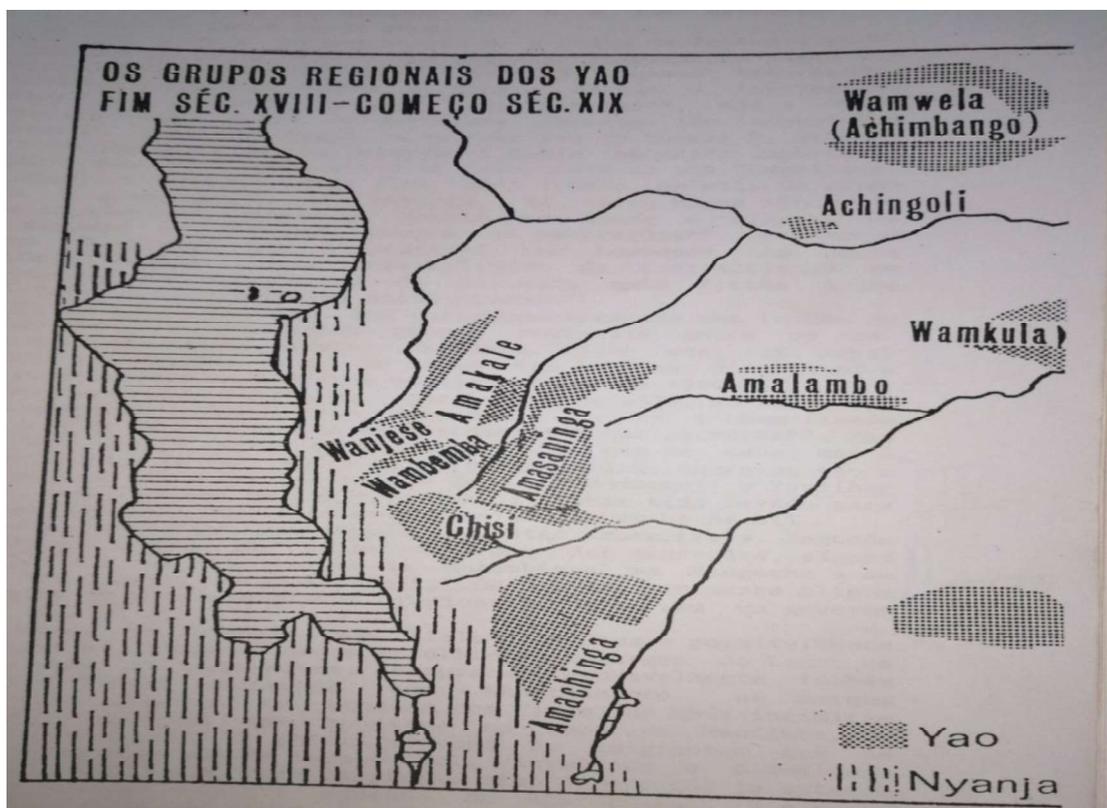
<sup>2</sup> Entrevista realizada coletivamente no distrito de Mweembe, 13 de Julho de 2021.

<sup>3</sup> É uma narrativa documental manuscrita por Ce-Miute V, um dos reis da dinastia Miute. Atualmente o documento está nas mãos de Ce-Miute VI.

<sup>4</sup> <https://www.facebook.com/videos>

A hipótese mais divulgada e conhecida é a de que os Ayaawo fixam a sua origem na zona que denominaram Yaawo-Licopólue (Mwikopolwe/Dikopolwee-Mweembe 1), delimitado pelo rio Lucheringo, ao oeste; pelo rio Lugenda, a leste; pelo rio Luambala, ao sul; e pelo rio Rovuma, ao norte. É uma zona rodeada por uma cordilheira que partindo do monte Oizulo (wisulu), se estende até Metônia, passando pelo Licopólue (Mwikopolwe/Dikopolwee) até Mkuya, atual Mecula (ABDALLAH, 1919, p. 1). Este deu, retrospectivamente, uma imagem do que teriam sido os principais grupos regionais entre os Ayaawo, nomeadamente, os Masaninga, que ficavam no monte Masaninga, os Amachingas no monte Machinga, os Amangoches no monte Mangoche, e outros grupos Yaawo. A seguir, apresentamos o mapa de localização dos possíveis grupos regionais Ayaawo nos finais do século e princípio do século XIX.

Mapa 3: os possíveis grupos regionais dos Ayaawo - fim do século XVIII e começo do século XIX



Fonte: LIESEGANG (s/d, p. 13)

Não existe a menor ideia da data provável dessa origem, nem das circunstâncias que a determinaram. Contudo, existem hipóteses que procuram explicar a origem dos Yaawo. Santos (1964, p. 118), baseando-se na velha tradição, apresenta a hipótese:

a vaga dos invasores vindos do Norte ter-se-ia bipartido, ficando uma parte ocupando a costa marítima e área limítrofe, enquanto a outra se dirigira para as margens do lago Niassa, seguindo, depois, para o sul. E até segundo uma lenda

indígena, fora no monte ajao (sic) ou oizulo que um guerreiro invasor, banido pelos seus irmãos, isto é, pelos companheiros de raça, encontrara, graças ao fato de ter sido guiado por um coelho, uma mulher aborígene também abandonada pela sua tribo. Logo construíram uma família que, após algumas gerações, abandonou aquelas paragens para se internar na Niassalândia, onde, efetivamente, ainda hoje, habita um povo Jao<sup>5</sup> que afirma ter a sua origem naqueles montes.

Embora esta informação oral tenha caráter de uma lenda, fornece fatos históricos interessantes sobre o movimento populacional da época e da origem dos Ayaawo. A ligar a ideia, SIK apud PEIRONE (1967) também sublinha as migrações dos Ayaawo, mas chega a uma conclusão algo diferente da de SANTOS. Embora reconheça as migrações dos povos, contesta a ideia de que as migrações dos povos tinham duas direções: uma que ocupou a costa marítima, a segunda dirigiu-se às margens do Lago Niassa e, mais tarde, foi ocupar a atual região Ayaawo. Com base nessas novas investigações, SIK apud PEIRONE (1967, p. 33-34) afirma que:

Todos os povos da parte sul do continente africano, com exceção de algumas tribos do grupo Khoi-saan, pertencem a uma grande família linguística, ao grupo dos povos bantos... Todos os povos bantos estão, em maior ou menor grau, relacionados não só na sua língua, mas também na sua cultura. Deve-se considerar que a terra natal dos bantos, aquela de onde eles se originam e onde eles se dispersaram em direção a outras partes da África Austral, está no interior da África Equatorial Oriental, na região dos lagos... Ao longo de vários séculos, a África Oriental testemunhou a luta das tribos bantu e dos povos hamitas. Guerras centenárias, relações econômicas e culturais e mistura física tiveram consequências diferentes para as diferentes tribos bantas.

Em geral, cada tribo Bantu percorreu uma das três rotas indicadas abaixo:

1. Algumas tribos... submeteram-se a eles (hamitas) e misturaram-se fisicamente com o povo hamita.
2. Outros foram capazes de... permanecer em seu território ou (e isso acontecia frequentemente) escapar do poder e influência dos hamitas, mudando (frequentemente, várias vezes), o seu local de residência foi abandonada.
3. Outros, ainda, escaparam ao poder e à influência hamita, não só abandonando, sob a sua pressão, os seus locais de habitação iniciais, mas, também, abandonando completamente, durante as sucessivas transmigrações, os territórios sujeitos a invasões e ataques. A África Equatorial a dirigir-se uns para o sul e outros para o oeste... Assim ocorreu a divisão dos três grandes ramos dos povos Bantu, nomeadamente Bantu Oriental, Bantu Meridional e Ocidental...

Outrossim, o autor afirma que a migração de tribos da África Equatorial para a África Austral ocorreu em três ondas sucessivas. A primeira vaga ainda não trouxe as tribos Wamakoua<sup>6</sup> e Wayao<sup>7</sup> para a África Austral, mas apenas para

<sup>5</sup>O povo Jao parece referir-se os atuais Ayaawo.

<sup>6</sup> Este nome parece referir-se os atuais Makhwa .

as regiões mais meridionais da África Equatorial Oriental, nomeadamente para a região entre os rios Rowvma (sic) e Zambeze (posteriormente, no século XIX, estas duas tribos regressaram parcialmente às regiões meridionais da atual Tanganica)... As mudanças sofridas durante as suas emigrações podem ser resumidas nos seguintes quatro pontos: a) na sequência dos seus movimentos frequentes, o cultivo da terra foi relegado para segundo plano, enquanto a criação de gado, único meio estável e seguro de garantir a sua vida, adquiriu importância excepcional; b) A organização tribal assumiu o caráter de organização militar permanente de organizadores e dirigentes militares; c) Durante as migrações e as guerras, formaram, frequentemente, federações tribais que, no entanto, tinham exclusivamente o caráter de aliança militar e na maioria dos casos se desintegraram e desapareceram tão rapidamente como foram formadas; d) como resultado de guerras contínuas, o número de mulheres em todas essas tribos excedeu em muito o de homens e isso, necessariamente, fez com que a poligamia se espalhasse amplamente.

A tese de SIK aproxima-se das teses de outros autores que também se referem à região dos Grandes Lagos como centro da origem dos povos de língua bantu. Naturalmente, os Yaawo, sendo parte integrante dos povos de língua bantu, parece fazer sentido pensarmos que estes são originários dos grandes lagos. Mais ainda, sobre a origem dos Ayaawo, ALPERS (1969, p. 406), reporta que antes das grandes migrações para o sul do Malawi; e norte para o sul da Tanzânia, que começaram na segunda metade do século XIX, “existiam grupos Yao pouco conhecidos, nomeadamente-Cimbango, ou Mwela, Yao, que moravam em todo o rio Ruvuma (sic), no que são agora os distritos de Songea e Tunduru da Tanzânia”. Outrossim, ALPERS (1975, p. 16) realça que “desde muito cedo, provavelmente no início do século XVII, os yao haviam ocupado uma extensa área de território, que se estendia do sudeste do Lago Nyassa ao longo do Rovuma”.

Depois de algumas décadas dos primeiros estudos, foram realizadas pesquisas sistemáticas, destacando-se o estudo de EHRET (2010, p. 542) sobre história de movimentos de população e intercâmbios culturais no interior da costa da África oriental, tomando como ponto de partida de análise entre o Lago Niassa e o Lago Vitória, que faz revelações interessantes sobre os movimentos populacionais, e dá seguinte informação:

No início do século XII, uma segunda e importante região de povoamento bantu se estendia ao longo da borda meridional da África oriental, próxima do extremo norte do lago Niassa-Malavi (sic). Na região montanhosa da ponta nordeste do lago é possível localizar a sociedade protonjombe. A língua njombe é a ancestral dos idiomas modernos ekikinga, kihehe, ekibena e sango. Outra comunidade bantu que falava uma forma antiga do ikinyakyusa vivia a oeste dos Njombe, muito provavelmente na mesma região dos atuais Wanyakyusa. A noroeste de seu território, ao longo do corredor montanhoso entre os lagos Tanganica e Niassa, dois outros povos bantu falavam dialetos divergentes da língua comum ao corredor; próximos dos antigos Wanjombe e dos Wanyakyusa situavam-se os Protonyiha, e, a oeste destes, os Protolapwa. No extremo sudeste

---

<sup>7</sup> Sem dúvida, referem-se os atuais Ayaawo de Mweembe.

nessa região de populações bantu, os Protossonge e os primeiros Wapogoro eram, respectivamente, os vizinhos meridionais e orientais dos Njombe, enquanto os grupos que falavam línguas que originaram o **chiyo**<sup>8</sup>, o **chimakonde**<sup>9</sup> e o **chimwera** (o sublinhado é nosso) espalhavam -se ao longo e a leste do rio Ruvuma, provavelmente até o litoral do oceano Índico. Toda a região da extremidade setentrional do lago Niassa foi, ao mesmo tempo, o ponto de partida de importantes movimentos de expansão bantu e a área onde ocorreram, entre 1100 e 1600, migrações internas consideráveis.<sup>10</sup>

Esta tese converge com a tese de SIK sobre a origem dos Yaawo, embora possam diferir no detalhe de alguns aspectos. Ainda sobre a origem dos Yaawo, LIESEGANG [s/d, p.13] (mimeo), embora não sejam escritos conclusivos, afirma-se que havia, antes do começo das migrações, alguns núcleos yao fora das atuais fronteiras de Moçambique, em Mangoche e ao norte do rio Rovuma, por volta de 1830. Também se cita que os yao (sic) estavam, nessa altura, diferenciados em diversos grupos regionais, mas sem um governo central. Da mesma forma, Liesegang relata-nos que a migração Yao, a partir da região entre o Lago Niassa e o Lago Vitória, provavelmente terá obedecido duas direções: uma orientada para a parte ocidental, que permitiu a sua chegada no Malawi; e a outra, orientada para a parte oriental que lhe levou até no atual território moçambicano.

A ligar a ideia, Ce-MIUTE V<sup>11</sup>-AMADO SAIDE (2019, p. 7-9), um dos principais chefes Ayaawo, na sua narrativa documental, *História do Reino Miute: contando História do Reino Iyao (2019)*, informa que os “Iyaos (sic) vieram do Egito<sup>12</sup>, designado por Marca Latinha. O grupo era constituído por 90 pessoas, chefiados por Canhale Iacobo”. Ao longo do percurso, o chefe Canhale decidiu mudar o nome, passando a designar-se por “Nompota, que significa não sabemos aonde vamos, só vamos andando”. Ainda, de acordo com o autor, “depois de três meses de caminhada, chegaram a Tanganiyka, na zona de Tunduro. De Tunduro rumaram até o local onde deságua o rio Luchiringo, junto ao rio Rovuma. Aqui, ficaram 10 anos. Durante a permanência, o grupo realizava trocas comerciais com os árabes que vinham da praia de Cabo Delgado”.

Mais ainda, o autor afirma que, no processo de trocas comerciais, os árabes perguntaram o chefe Canhale, nos seguintes termos: “você, chefe Canhale, só fica aqui sem defesa de armas?

<sup>8</sup> Provavelmente é o atual povo Ayaawo.

<sup>9</sup> Parece ser o atual povo Makonde.

<sup>10</sup> O autor explica que as semelhanças que aparecem no vocabulário essencial das línguas songe, calculadas a partir da lista utilizada por D. Nurse e D. W. Phillipson (1974) são de mais ou menos 70%. A comparação com as datas adotadas (sic) por esses autores sugere que a diferenciação no songe começou há cerca de mil anos. A porcentagem (sic) de semelhanças entre as línguas chiyo, chimakonde e chipogoro e entre essas línguas e o songe é menor, o que leva a pensar que já existiam diferenciações desde o início do século XII”

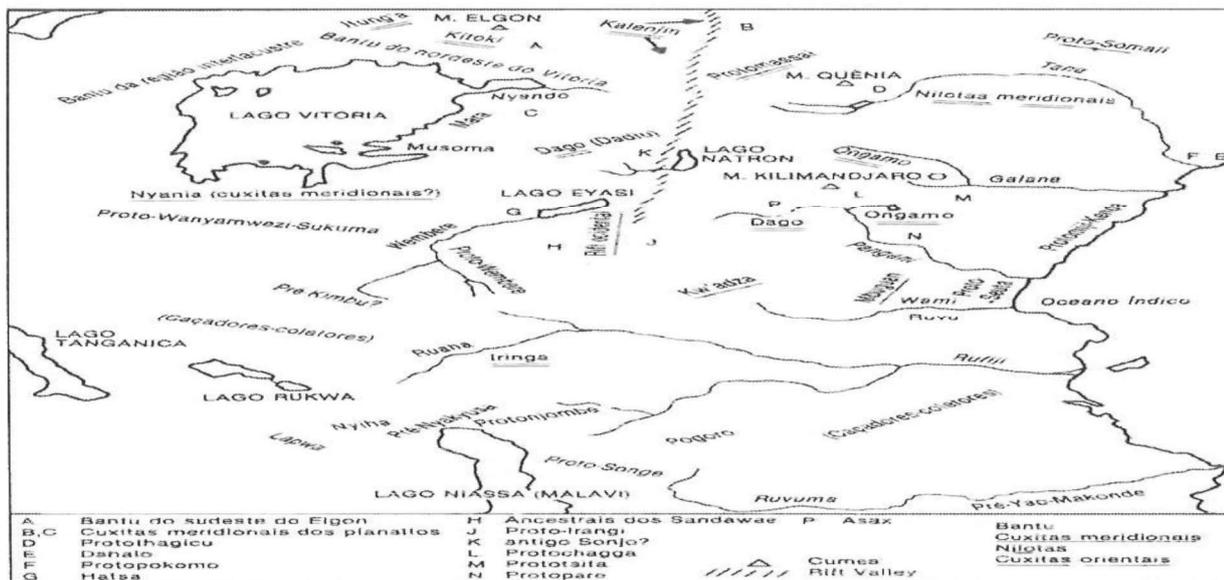
<sup>11</sup> Miute, significa *deu-lhe arma para se defender*.

<sup>12</sup> É provável que seja a região dos Grandes Lagos

O chefe respondeu que “sim, eu não tenho. Os árabes de Kilwa deram-lhe três espingardas de armas de fogo”. Daí o chefe Canhale Iacobo ou Canyale declarou que, a partir de então, “nós somos Miutes, que significa *já temos armas para nossa defesa no futuro*”. A partir daqui, o grupo dividiu-se em três: “O primeiro grupo de pessoas que falavam a língua Maconde foi onde nascia o sol (este), hoje Cabo Delgado”; o segundo grupo, constituído por “macua (sic) foi fixar-se na atual província de Nampula”; e o terceiro grupo de Miute, portanto dos Yaawo, foi ao pôr-do-sol (oeste) que é hoje Metangula. Todos falavam a língua Iyao”. Outrossim, o autor reporta que “de Metangula, o grupo foi à zona designada Lupaço, nas margens do rio Luchiringo, de onde morreu o chefe Canhale”. Este foi substituído por seu sobrinho, “Miute II. Do Lupaço, o novo chefe foi fixar-se em Ludila, ao pé da montanha chissocomo, hoje chamado de Licopolwe ou Dikopolwe. Daí os Aiyawi (sic) espalharam-se no planalto”. Segundo o relato do autor, Chissocomo era uma zona desabitada.

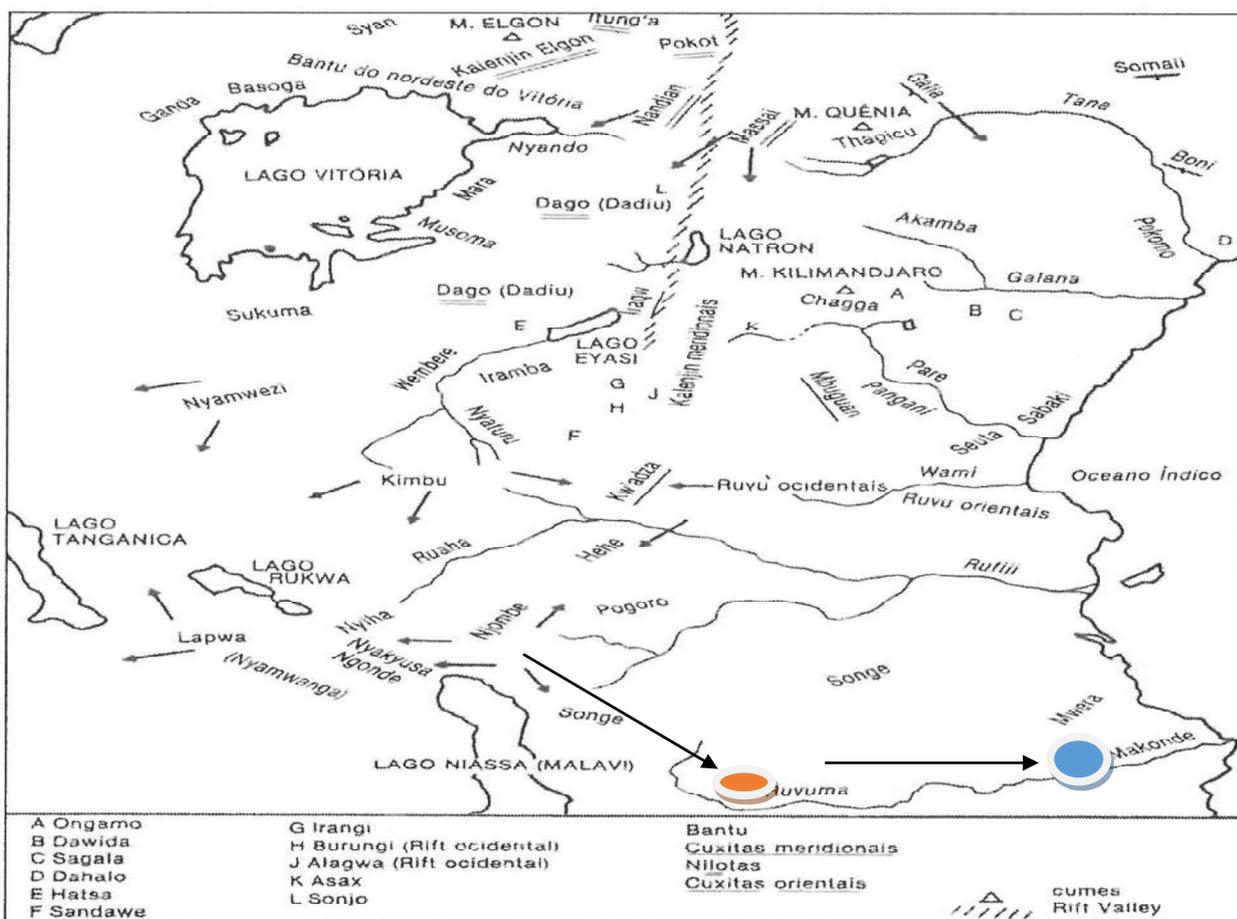
Mas, a narrativa documental de ABDALLAH (1919) não fala sobre o reino de Miute, provavelmente, ou os seus informantes podem ter suprimido informações sobre este ponto importante, ou a história de ABDALLAH tinha fins didático-propagandísticos e focalizava as dinastias mais poderosas na zona do Niassa, que mais resistências opuseram à conquista colonial. Também não entrou nos detalhes dos movimentos de grupos que não pertenciam ao grupo masaninga. Em outros casos, certamente, porque a atuação dos chefes não valia a pena ser contada, na sua maneira de ver. É exemplo disso, dos chefes Miute II e III que Ce-MIUTE V classifica de homens fracos e sem dinamismo para contrariar as ações de Ce-Nyaambi, considerado viente, estrangeiro (que em língua ciyaawo designa *jwakwika* ou *jwalendo*). Observando os dois mapas a seguir apresentados sobre percurso provável seguido e da localização aproximada dos povos do interior da África Oriental no século XII, parece-nos ser as informações de Ce-MIUTE menos controversas, dando-nos uma descrição condizente com a tese de EHRET (2010).

Mapa 4: Localização aproximada provável dos povos do interior da África Oriental no século XII



Fonte: Ehret (2010, p. 556). Entre a costa e os Grandes Lagos, adaptado pelo autor, 2019

Mapa 5: Localização aproximada provável dos povos do interior da África Oriental no século XII



Fonte: Ehret (2010, p. 557). Entre a costa e os Grandes Lagos, adaptado pelo autor, 2019

Legenda: Yaawo Makonde

Os dois mapas ilustram determinado argumento que defendi na tese. Se, de fato, o que foi descrito for confirmado como verdade, a tradição comum que fixa os Ayaawo à sua origem na região de Mweembe, entrará em crise. Diante da falta de pesquisas arqueológicas e linguísticas, não é possível chegar a conclusões definitivas.

## Conclusão

A terminologia Ayaawo sofreu várias designações. Ela se refere a qualquer espaço geográfico físico que não tenha árvores frondosas, onde predominam arbustos e capim. Existem duas hipóteses da origem dos yaawo: Uma que defende a origem do povo na região yaawo; e a outra, que defende a origem dos Yaawo na região dos Grandes Lagos. A primeira, defendida por Yohanna Abdallah, parece resultar do fato de o autor não ter entrevistado outros grupos Ayaawo, tendo se limitado ao estudo da história do grupo amasanninga. Este grupo, provavelmente, pode ter suprimido informações sobre este ponto importante, querendo supervalorizar à sua história, ou a história de Abdallah. Tinha fins didático-propagandísticos e focalizava as dinastias mais poderosas, na zona do Niassa, que mais resistências opuseram à conquista colonial. Também não entrou nos pormenores dos movimentos de grupos que não pertenciam ao grupo masanninga. Em outros casos, certamente porque a atuação dos chefes não valia a pena ser contada, na sua maneira de ver. É exemplo disso dois chefes Miute, II e III, que Ce-Miute V classifica-os de homens fracos e sem dinamismo para contrariar as ações de Ce-Nyaambi. A segunda hipótese, a mais aceita por vários autores, defende que os Yaawo e outros povos de língua bantu são originários da região dos Grandes Lagos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ABDALLAH, Yohanna. B. **“Wayao’we”**. Traduzido da língua Cyao pelo Padre Calandri. U.M.C.A.: Unango, 1919.

ALPERS, Edward A. Trade, state, and society among the Yao in the nineteenth century. In. **Journal of African History**, v. 10, nº 3, p. 405 – 421, 1969.

ALPERS, Edward A. **Ivory and Slaves**. University of California Press, 1975.

AMARAL, Manuel Gama. **O povo yao: subsídios para o estudo de um povo do noroeste de Moçambique**. Lisboa: Instituto de Investigação tropical, 1990.

Ce-MIUTE V, Amado Saide. **Narrativa documental de História do Reino Miute: contando História do reino**. Cidade: Lichinga, 2019.

EHRET, Christopher. Entre a costa e os grande Lagos. In: NIANE, Djibril Tamsir (Org.). **História Geral de África, vol. IV: África do século II ao XVI**. Brasília: UNESCO, 2010, p. 539 - 558.

LIESEGANG, Gerard. **História do Niassa ca. 1600-1918: Estados, política e economia no período pré-colonial e a conquista colonial**. Maputo, [s/d] (mimeo).

NGUNGA, Armindo. **Elementos da Gramática da Língua Yao**. Maputo: Imprensa Universitária, 2002.

PEIRONE, Frederico José. **A Tribo Ajaua do Alto Niassa (Moçambique) e Alguns Aspectos da sua Problemática Neo-Islâmica**. Vol. I. Lisboa: Junta de Investigações de Ultramar, 1967.

SANTOS, N. Valdez dos. **O desconhecido Niassa**. Lisboa: Junta de Investigação do Ultramar, 1964.

Recebido em: 25/11/2023

Aprovado em: 27/03/2024